

Suplemento de Arqueologia

Mensal | Ano 14 | N.º 108 | distribuição gratuita | Revista Municipal

Estudo de grafitos em moinhos de água no concelho de Lousada: o caso do *Moinho da Devesa 1* (Nevogilde)

Manuel Nunes* e Paulo Lemos**

1. INTRODUÇÃO

Sendo frequentes os trabalhos sobre moagens hidráulicas tradicionais, são raros aqueles que se debruçam sobre os motivos que, recorrentemente, se encontram gravados nas suas paredes. Designados de *grafitos*, estes motivos constituem um acervo rico do ponto de vista etnográfico, cultural e até histórico, permitindo a vivificação da figura do moleiro e a aproximação a um quadro sócio mental asaz complexo e relativamente mal conhecido. No âmbito da 1ª fase do Projeto *MUNHOS*, procedeu-se ao levantamento exaustivo de todos os grafitos identificados nas moagens localizadas nos rios Sousa e Mezio, organizando-os e sistematizando-os de acordo com normas e critérios científicos. Desse trabalho, resultou o estudo em apreço, cujo fundamento reside no caráter singular, em termos de número e teor, dos grafitos presentes no *Moinho da Devesa 1* (Fig.1 e 2).

2. MOINHOS, MOLEIROS E GRAFITOS

Desde a Idade Média que a profissão de moleiro é mal vista (Jacob, 2003:208) razão pela qual, não raras vezes, o epíteto de *diabólico* acompanhou a figura do moleiro. Em razão disso, ou como consequência, o moleiro “exorcizava” o seu espaço de trabalho, gravando nele motivos que, aos seus olhos, funcionariam como medida protetora, contra o mau-olhado, mas também preventiva, face à incerteza da sorte e aos insondáveis desígnios divinos. De resto, a superstição e a religião, acompanharam a profissão de moleiro desde os seus primórdios. O domínio e o controlo do espírito livre da água com o fito de mover as rodas dos moinhos determinavam, mais cedo ou mais tarde, a *vingança* deste elemento, quase sempre sob a forma de cheias repentinas e destruidoras. O medo do infortúnio, da perda do moinho e do modo de vida, ditou

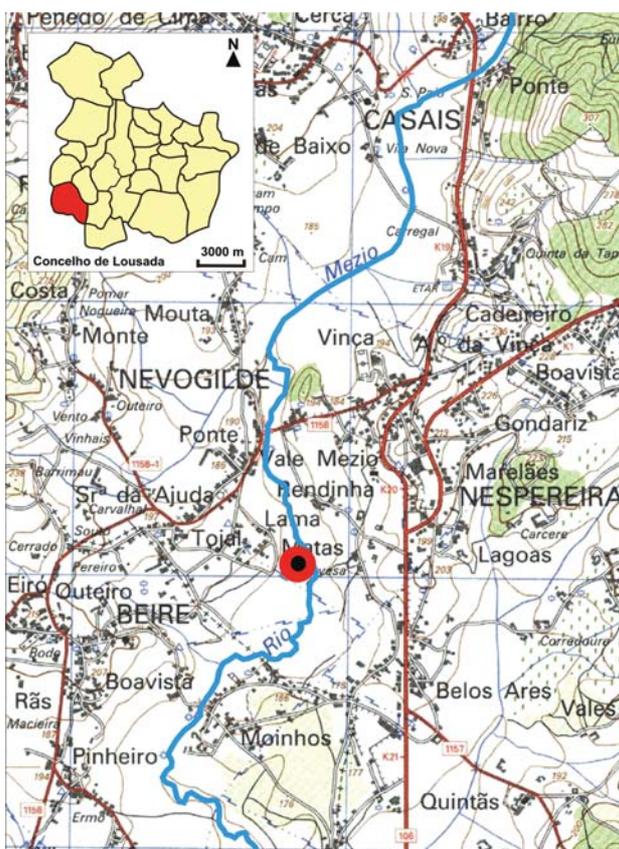


Fig. 1 - Localização do *Moinho da Devesa 1* (MEZ36) na Carta Militar de Portugal. Escala 1:25 000. Folha 112.

a necessidade profilática de aplacar a punição divina através da gravação de símbolos mágico-religiosos, razão pela qual o moleiro gravava nas paredes do seu moinho toda a sorte de cruzes e cruciformes, mas também imagens esquemáticas, letras, datas e até símbolos de identificação próprios (Guita, 1999:67).

No concelho de Lousada, tanto no rio Sousa como no Mezio, mas também nos seus subsidiários, ocor-

* Arqueólogo. Projeto MUNHOS/GACML. Manuel.Nunes@cm-lousada.pt

** Arqueólogo. Projeto MUNHOS. paplemos@gmail.com



Fig. 2 - Aspeto das fachadas sul e oeste do Moinho da Devesa 1.

rem moinhos de água onde estão presentes os mais diversos tipos de grafitos. Todos os grafitos identificados foram produzidos por picotagem através de precursão indireta, recorrendo a um instrumento de metal, provavelmente o pico, ferramenta comum e de manuseio obrigatório por qualquer moleiro experiente. O suporte litológico de todos os grafitos foi o granito, mesmo nos moinhos onde coexistiam outros tipos de material litológico, como a corneana ou o xisto. No que respeita à tipologia dos grafitos identificados, assinala-se uma diversidade considerável de motivos. De modo a permitir o seu estudo, optou-se por um enquadramento em grupos tipológicos. Assim, para além dos *cruciformes* (cruzes e variações do motivo cruciforme), largamente preponderantes neste registo, foram identificados grafitos do tipo *inscrição* (datas, siglas, palavras), *fitomorfo*, *antropomorfo*, *esquemático* e, quando de interpretação dúbia, *indeterminado*. Sendo o rol de grafitos identificados deveras extenso, decidiu-se o estudo detalhado do grupo mais numeroso e representativo: os cruciformes. Após a análise do conjunto de grafitos com motivos de cruces e cruciformes, foi possível estabelecer 10 tipologias de cruciformes (Cf. Nunes e Lemos, no prelo). Esta organização, que teve por base elementos formais comuns a cada grupo de cruciformes (forma dos braços ou da base, disposição e/ou composição dos motivos cruciformes), permitiu perceber uma grande diversidade de formas, tamanhos e composições, revelando a habilidade de alguns moleiros, mas sobretudo a necessidade recorrente e renovada de apropriação, pelo sagrado, de muitos dos espaços de vivência do moinho. Esta

tipificação permitiu, por exemplo, constatar a frequência relativa de certos tipos de cruciformes, determinar o grau de heterogeneidade dos conjuntos identificados ou avaliar a complexidade dos grupos de cruciformes estudados em cada moinho.

3. O MOINHO DA DEVESA 1

O Moinho da Devesa 1 (MEZ 36) localiza-se na freguesia de Nevogilde, concelho de Lousada (N41°15'03.6"; W08° 18'40.2"), na margem direita do rio Mezio, junto ao açude da Devesa¹. Trata-se de uma estrutura com apenas uma moenda e planta retangular (25,8 m²) que, apesar do mau estado da cobertura, do pavimento e do sistema motor e de moagem, apresenta a parte edificada bem

conservada, com destaque para as portas (uma orientada a este e outra a oeste) e para os postigos (dois orientados a norte e dois a sul). O aparelho, em granito, com algum apuro, faz uso de pedras angulosas e roladas com argamassa utilizando cantaria apenas nos umbrais.

Após um estudo exaustivo, foram identificados neste moinho 87 motivos gravados, 61 dos quais (69,4%) correspondendo a cruciformes de 7 tipologias (Tab.1). Trata-se, sem dúvida, de um caso absolutamente excepcional no contexto dos moinhos estudados, tanto pelo número avassalador de motivos gravados, como pela sua diversidade já que, para além de 7 tipologias de cruciformes presentes, ostenta, igualmente, motivos do tipo *inscrição*, *esquemático* e *indeterminado*. Embora tenham sido detetados grafitos em quase todos os espaços úteis do moinho, revelando heterogeneidade no momento da escolha do local de gravação, regista-se uma clara preferência pela zona das portas (ombreiras e soleiras), que apresenta 55% de todos os grafitos identificados (n=48), logo seguida pelo pavimento exterior (parede do açude) onde se encontram 33,4% (n=29) de todas as gravações (Fig.3 e Tab.2). A prática de sagração das portas e janelas com cruces ou motivos cruciformes fundamenta-se na teologia da redenção que encara a cruz como símbolo de *resgate*, isto é, pelo sacrifício de Cristo na cruz, resgatando o Homem ao pecado primevo, a cruz converte-se numa espécie de *anzol* que prende o demónio e o impede de prosseguir a sua obra (Chevalier, 2010:247). A tradição oral conservada pelos antigos moleiros destes rios relata diversas crenças relacionadas com a figura do diabo. A gra-

¹ O Moinho da Devesa 1 foi arrolado com o código de inventário MEZ36, no âmbito do Projeto MUNHOS (Cf. Nunes e Lemos, 2012:1-4). Referido pela primeira vez nas Memórias Paroquiais de 1758 (Capela, 2009:320), desde 2012 que o Moinho da Devesa 1 (NEV8) goza de proteção legal decorrente da sua inclusão na Planta de Ordenamento (Áreas de Proteção e Enquadramento ao Património Arqueológico) do Plano Diretor Municipal de Lousada. O moinho foi incluído na Carta Arqueológica do Concelho de Lousada em 2008 (Nunes *et al*, 2008:170).

vação de cruces nas portas ou nas janelas era, segundo estes relatos, a forma mais eficaz de impedir o acesso do demónio ao moinho (Fig.4).

Para além dos cruciformes, constata-se a presença de uma data memorativa (1953) gravada na fachada oeste, possivelmente associada a um processo de restauro, situação recorrente em muitas das estruturas molinológicas inventariadas no Projeto *MU-NHOS*, e comprovada aqui pela reutilização de mós na estruturação dos novos postigos do moinho. Por outro lado, registam-se em diversas partes do moinho (ombreiras e paredes exteriores) diversas inscrições (nomes, iniciais, abreviaturas) que sugerem uma continuada prática de gravações, possivelmente ao longo de várias gerações. (Fig.5) Finalmente, uma derradeira nota para os grafitos que pontuam todo o lajeado exterior nascente, voltado ao rio e delimitador

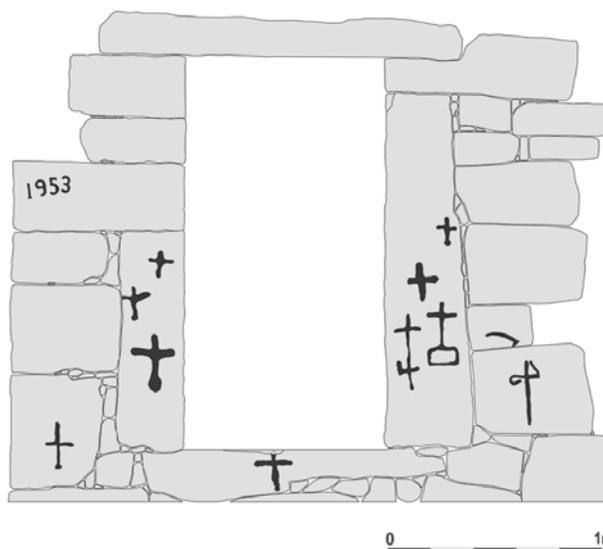


Fig. 3 - Fachada oeste do Moinho da Devesa 1, com a representação dos grafitos identificados na ombreira exterior e parede exterior.

Tipologia	Motivo	N.º de motivos identificados
C1 Cruz simples (grega ou latina)		30
C2 Cruciforme de braços invertidos		6
C3 Cruciforme de base sub-triangular		6
C4 Cruciforme de base sub-circular		12
C5 Cruciforme de base sub-retangular		3
C6 Cruciforme com elementos independentes		1
C7 Cruciforme compósito		3
	Total	61

Tabela 1 - Tipologia dos cruciformes identificados no Moinho da Devesa 1.

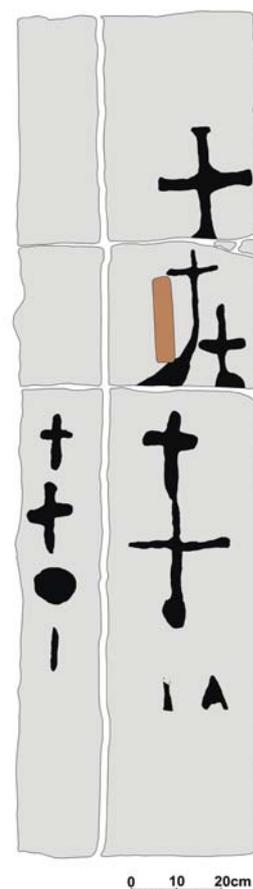


Fig. 4 - Representação da ombreira interior esquerda da porta nascente do Moinho da Devesa 1.

Tipologia de grafitos	Ombreira		Soleira		Parede exterior				Pavimento exterior (açude)	Total Parcial	Freq. Relativa
	Interior	Exterior	Interior	Exterior	Norte	Sul	Este	Oeste			
Cruciformes	22	9	6	1	2	2	1	2	16	61	69,4%
Inscrição	1	2	0	0	0	1	0	1	0	5	5,9%
Esquemático	3	1	3	0	0	0	0	1	7	15	17,6%
Indeterminado	0	0	0	0	0	0	0	0	6	6	7%
Total parcial	26	12	9	1	2	3	1	4	29	87	100%
Freq. Relativa	29,8%	13,7%	10,3%	1,2%	2,4%	3,5%	1,2%	4,5%	33,4%	100%	

Tabela 2 - Levantamento e localização relativa dos grafitos identificados no *Moinho da Devesa 1*.

do açude. Trata-se de uma situação *sui generis*, conhecida apenas neste moinho, que dá corpo a um conjunto notável de motivos cruciformes, esquemáticos, e indeterminados, com orientações, tamanhos e frequência distintas que, por vezes, se sobrepõem, indiciando uma prática contínua, embora nem sempre com o mesmo autor, com o propósito de delimitar o espaço de acesso à porta nascente do moinho, conferindo-lhe uma forte carga simbólica. (Fig.6) Embora se desconheça se o motivo destas gravações se deve à superstição ancestral ligada à presença de *Náiadas* nas águas do Mezio, ou tão-somente à intenção de obviar, pela força de simbologias cristãs e pagãs conjugadas, a ação destrutivas do elemento água, é indesmentível que

os grafitos do *Moinho da Devesa 1* provam quão escasso é o conhecimento que possuímos sobre este património vernacular.

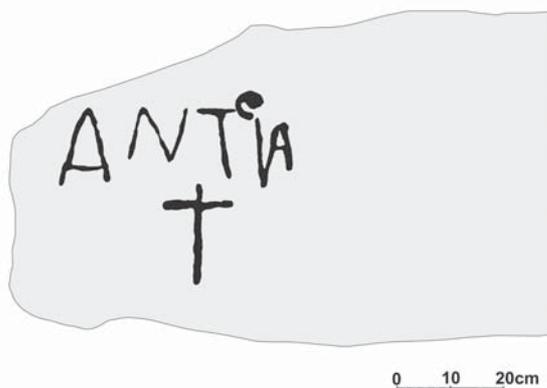


Fig. 5 - Representação gráfica da inscrição e respetiva cruz latina associada, localizada na parede exterior sul do moinho. A leitura da epígrafe é a seguinte: ANT[on]IA.



Fig. 6 - Aspeto de alguns dos grafitos detetados na parede e pavimento exterior (açude) do Moinho da Devesa 1

Bibliografia

CAPELA (2009) - *As Freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758*. Braga.
 CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, A. (2010) - *Dicionário dos Símbolos*. Lisboa: Editorial Teorema.
 GUITA, R. (1999) - *Engenheiros Hidráulicos Tradicionais*. Instituto de Conservação da Natureza/Parque Natural do Vale do Guadiana.
 JACOB, H. (2003) - *6000 anos de pão*. Lisboa: Antígona.
 NUNES, M., SOUSA, L. e GONÇALVES, C. (2008) - *Carta Arqueológica do Concelho de Lousada*. Lousada: CML.

NUNES, M. e LEMOS, P. (2012) - Moinhos e azenhas do rio Mezio no concelho de Lousada. Suplemento de Arqueologia da Revista Municipal de Lousada. *Revista Municipal de Lousada*. Ano 13. 3ª Série. N.º 96. Lousada: CML, p.1-4.
 NUNES, M. e LEMOS, P. (No prelo) - Projeto *MUNHOS*: inventário das moagens tradicionais dos rios Sousa e Mezio no concelho de Lousada. *Oppidum - Revista de Arqueologia, História e Património*. N.º 6. Lousada: CML, p.47-74.